

AS FRANJAS INCONSCIÊNTES DA EDUCAÇÃO

Paulo Ferrareze Filho¹

RESUMO: A presente reflexão busca pensar o processo de aprendizagem e destacar a importância da criação de laços afetivos entre professor e alunos para o desenvolvimento e crescimento pessoal, crítico e profissional de ambos. A partir da obra *Manifesto do Surrealismo Jurídico* de Luis Alberto Warat, realizou-se uma reflexão do ambiente em sala de aula e sobre como a aproximação afetiva pode trazer resultados mais importantes em relação àqueles processos de aprendizado ligados exclusivamente à atenção metodológica.

Palavras-chave: Afeto. Aprendizado. Relacionamento.

ABSTRACT: This discussion aims to think the learning process and highlight the importance of creating emotional bonds between teacher and students for the development and personal growth, professional and critical of both. From the work *Manifesto of Surrealism Legal* Luis Alberto Warat, there was a reflection of the environment in the classroom and on the affective approach can bring important results in relation to those learning processes linked exclusively to methodological attention.

Key Words: Affection. Learning. Relationship.

INTRODUÇÃO

A pastoralização da educação cria abismos entre professores e alunos. A lógica escolástica de ensino através da evangelização, própria de sistemas dogmáticos e autoritários, permanece, mesmo diante de um mundo complexo, recheado pela sedução das redes sociais e com alunos que já não se sentem coagidos pelos receios dos pecados impostos de fora para dentro.

É que a ordem se inverteu no mundo contemporâneo: é preciso que a razão tenha sensações, cores e odores. Já não faz sentido para as gerações Y e Z que se negue o agora em detrimento da acumulação de conhecimento capaz de conferir uma felicidade posterior, seja por conta de um título acadêmico, uma posição destacada no mercado de trabalho ou um benefício salarial. A vontade do presente requer uma pedagogia em que o sensível se sobreponha ao racional. Daí porque é necessário indagar quais as necessidades deste tempo e destes novos ouvintes que, muito mais

¹ Doutorando em Direito (UFSC). Mestre em Direito (UNISINOS/RS). E-mail: ferrarezefilho@yahoo.com.br

que ouvir, querem falar e criar identificações com seus sonhos, monstros, angústias e devires.

É neste esteio que o presente artigo analisa a carência histórica do afeto nas relações pedagógicas, demonstrando as consequências da negação do instinto criativo e da sensibilidade no processo de aprendizagem. A partir de Luis Alberto Warat, professor surrealista do Direito, o estudo demonstra a importância de amenizar as hierarquias pedagógicas, fazendo ruir a lógica do professor papagaio que apenas reproduz saberes, em direção a um projeto em que o universo do aluno seja intercomunicado com o dos demais partícipes não só da aula mas também da comunidade.

A CARÊNCIA HISTÓRICA DO AFETO NAS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS

Reunir afeto e educação é uma tarefa que requer a absorção, no meio pedagógico, das mudanças paradigmáticas ocorridas tanto na cultura quanto no modelo de pensamento da sociedade ocidental. A reflexão que segue busca aproximar as mudanças culturais havidas no século XX, notadamente em relação à desrepressão em relação aos aspectos feminino, bem como compreender de que modo as características nascentes de uma civilização contingente, líquida e nômade têm nos processos de aprendizagem. Para tanto, a reflexão usa as lentes de Luis Alberto Warat, jusfilósofo argentino, para propor uma pedagogia que permita estreitar os vínculos de alteridade entre professores e alunos, com vistas a romper, inclusive, com nomenclaturas que estabelecem a tradicional cisão entre aluno e professor; este como portador de uma verdade absoluta (e paranoica) e aquele como tábula rasa incapaz de contribuir para a transformação de todos partícipes de um encontro pedagógico.

É inegável que a tradição educacional laica está profundamente ligada à categorias da educação religiosa. O professar – verbo que determina a ação do professor, por si só, dá conta de demonstrar que a educação de hoje, ainda guarda representações simbólicas das chamadas escolas catedralícias da Idade Média, que tinham como objetivo principal a tarefa de evangelizar. Como em todo o discurso religioso, também no processo de evangelização, parte-se do pressuposto de que alguém – o professor, o padre, o papa - tem uma verdade universalizante que deve ser

repassada àqueles que ainda estão furtados da experiência com essa verdade, ou seja, os alunos, os desprovidos da luz da verdade ou os tábulas rasas. O paradigma teológico e mesmo aquele que o sucedeu na modernidade, ligado à onipotência da razão, sucumbiu diante de processos profundos de reconstrução dos paradigmas. Pode-se dizer que a Verdade de cunho teológico, que depois se associou com a razão a partir do *cogito, ergo sum* de Descartes, iniciou seu processo de reformulação principalmente a partir de Nietzsche² e da recuperação da ambivalência da tragédia grega personificada nos deuses pagãos Dionísio e Apolo, que bem poderiam representar a emoção e a imanência de um lado, e a razão calculadora, de outro.

Para compreender os efeitos do esquecimento da ambivalência trágica na educação, é preciso se aliar à Nietzsche. No livro *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche reconstrói os fundamentos da tragédia grega arcaica, apontando o entrelaçamento das **forças apolíneas** e **dionisíacas** como sustentáculo da arte trágica pré-socrática. O advento da estrutura de pensamento socrático-platônica, segundo Nietzsche, é o fenômeno que marca a decadência não apenas da tragédia ática, mas principalmente do modo de existência do homem ocidental que se projetou da Grécia pós-socrática até a modernidade. É a partir do modelo de pensamento socrático-platônico que as forças dionisíacas foram afastadas da cultura ocidental.

Enquanto o deus grego **Apolo** é marcado pelos atributos de resplandecência, luz e verdade superior, deus que obtém o saber e a arte através do *sonho*, **Dionísio** usa a *embriaguez* como ferramenta de construção da sua arte e da sua sabedoria. Dionísio é o deus que representa a atitude do espírito de enfrentar corajosamente o sombrio, o sinistro, o infernal e o noturno. É o equilíbrio entre essas duas forças do espírito trágico que possibilitam o processo de criação. A partir da “harmonia” sugerida pelo equilíbrio de forças entre Apolo e Dionísio na tragédia ática, é preciso indagar: porque as forças dionisíacas foram deixadas à margem da cultura ocidental depois de Sócrates e Platão? A embriaguês dionisíaca e a vazão sem limites da sexualidade por meio dos cultos báquicos são seguidos de uma inevitável fadiga letárgica. Essa é a primeira grande razão escondida para o alheamento de Dionísio na cultura ocidental e portanto, na educação. O intenso invariavelmente é seguido de esmorecimento. O declínio da experiência dionisíaca produz um efeito contrário à ação, um estado de perecimento, uma grande ressaca. O caminho de volta, ou seja, do

² NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

êxtase à realidade, logo que terminada a ressaca, é marcado pelo abandono dos territórios selvagens, como refere Warat³, propiciados pelo contato com as forças dionisíacas.

O passeio guiado por Dionísio nos ambientes selvagens é rico em pluralidade. É a deformação caótica da realidade que dá ao artístico espírito dionisíaco, o infinito de possibilidades que vão do *non sense* à realidade objetificada pela razão. É com as forças dionisíacas que está escondido o afeto e a sensibilidade, tão necessárias nos processos educativos. Nietzsche é fundamental porque aponta o dedo para a cirurgia mal feita por Platão, que separou o mundo real-afetivo do mundo transcendente e “verdadeiro” tornando-se, por isso, o pedreiro fundante da educação sensível, ou aquilo que Michel Mafessoli⁴ chamou de razão sensível. Percebe-se, portanto, que por conta de uma cultura iminentemente patriarcal e racional, a educação ocidental se desenvolveu a partir dos pressupostos da ordem sobre a criatividade, da linearidade sobre a complexidade e da seriedade sobre a afetividade. Não sem razão que vivemos em um mundo que tem mais técnicos e profissionais do que em um mundo com seres humanos capazes de se reconhecer igualmente como tais. Essa falha histórica é nefasta nos processos de aprendizagem porque esquece dessa dupla necessidade imanente a todo ser humano: o casamento entre da sensibilidade com a razão.

POR UMA EDUCAÇÃO AFETIVA

A educação é um procedimento, uma maturação, uma paciência, um estado de latência que precisa da calma para que alguma erupção seja possível. Warat ensina que a sensibilidade foi prostituída pelos procesos pedagógicos. Todo mostrar é uma castração, daí a necessidade de fazer com que o aluno seja, antes de um aprendiz, que recebe de alguém uma verdade, um descobridor de suas próprias verdades. *Sidarta* de Herman Hesse⁵ indica que o caminho final nunca pode ser ensinado. Que não há doutrina ou narração prévia para o caminho de ouro que aguarda e que guarda a resposta que é própria de cada um que a ele se aventura e se dispõe com a gana de um guerreiro, com o desapego de um peregrino e com a interrogação posta nas vistas.

³ WARAT, Luis Alberto. *Manifesto do Surrealismo Jurídico*. Disponível no blog do autor: www.luisalbertowarat.blogspot.com Acesso em 22 de junho de 2013.

⁴ MAFESOLLI, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. São Paulo – Vozes, 2006.

⁵ HESSE, Herman. *Sidarta*. São Paulo – Ed. Objetiva, 2010.

O Manifesto do Surrealismo Jurídico de Warat mostra o valor pulsante do respeito ao inconsciente. O inconsciente é a fonte de toda a sensibilidade e de toda a razão consciente. Sem dor não há criação, e sem criação não há possibilidade pedagógica que valha a pena se os destinos forem altos, onde o ar é rarefeito e calmo. Aprender é, portanto e sobretudo, um desaprender. É trocar a certeza que não é nossa, por uma certeza que, por infinda construção, nunca é uma certeza merecedora de um "c" maiúsculo. A possibilidade de permitir o intertexto e o plágio sensível sem o cancro da culpa é outro presente que Warat nos dá no seu manifesto que, mesmo destinado à pedagogia do ensino jurídico, se aplica a toda pedagogia.

Quem pretende “educar” precisa antes educar-se mas, sobretudo, se desvincular da culpa. Quem educa deve se *des-culpar*. Esquecer a obrigação, por um querer bem propositado, que é sempre um propósito que vem do coração...de onde mais poderia vir? A academia tem formado máquinas, andróides moribundos. O animal racional deixou de ser animal, para se tornar um mecânico racional. Um operador que só conhece a solução com o scanner da inteligência artificial. Se a tecnologia nos facilitou a vida, no mesmo grau e fundura também nos assassinou o pedaço bicho. O ser-bicho do ser-humano foi condenado em praça pública. Levado à força pela história da indústria, pela overdose que é uma tão própria reação humana para com todos os seus entusiasmos juvenis. A tecnologia foi um entusiasmo. E hoje há o arrependimento de um traidor que só é traidor porque agiu sem amor. As possibilidades da técnica e do uso da razão técnica maquia a natureza e a aceitação do estado.

Os saberes autorizados pela razão moderna, pegaram carona com o processo educacional que se iniciou com a proposta de evangelização universal da primeira Igreja Cristã no medievo, como se disse alhures. A onipotência do Deus católico se estendeu às Uni-versidades. As Uni-versidades apenas inventaram um padre secular e a ele deram o nome de professor. O estudante de hoje, que é o presente da história que se propõe a perder a novela, a convivência com a família e a vagabundagem, já é um produto-transcendente em relação ao modelo de educação do qual muitos ainda se valem como esconderijo. O autêntico estudante de hoje - falemos dos autênticos para poder construir projetos - sabe mais que muitos professores, porque sabe que só saber é apenas metade do caminho. Sabe que precisa achar o seu caminho, se pretende integridade de corpo e alma. Sabe que precisa de pistas para encontrar a

comida que mais agrade seu paladar exigente, e não de regurgitações teóricas e outros vômitos. O estudante de hoje quer fruta fresca, sabe que o futuro lhe cobrará criatividade, inclusive de seu próprio paladar. Sabe que terá que ser referência - não a de alguém, mas de si mesmo.

A carne, o choro, a meditação, o abraço - eis o que se inconscientizou nos processos educacionais. É possível pensar a educação sensível e afetiva a partir da *tábua de esmeralda*, imaginura que compõe o quadro de trânsito de Hermes Trismegistus - deus da mitologia grega -, demonstra que o caos raso é o primeiro passo depois do nada. Para ser mais que nada, é preciso sobretudo admitir a desordem como condição. Depois do caos, a tábua de esmeralda indica que a maturidade da consciência é o lugar privilegiado do maniqueísmo. O maniqueísmo, que se aurora como uma pepita bruta de ouro, deve brilhar pelo polimento do tempo. O tempo e a paciência com o próprio engatinhar do processo de aprendizagem, dão o lustro para que o ouro brilhe. As duas pontas da oposição flertam, se aproximam, quase se beijam. Tocam lábios sem a cena da língua, sem o trejeito do movimento de cabeças e a invasão do outro com a língua. Na tábua de esmeralda as serpentes se entrelaçam sem contato de cabeças. O beijo que o espírito dá com a sua integração e com a sua potência é um beijo sem língua. O distante maniqueísmo de antes é agora uma grande zona gris, é a grande porção da curvatura de Gauss. É mais talvez do que certeza. Onde está luz, se esconde a sombra - percebe o jovem asceta aprendiz, que está pronto para a transformação, para a ascendência, para a nova consciência, que não é nem boa, nem má, mas outra. A possibilidade de ser outro, é o que de melhor podemos desejar a alguém disposto a aprender e apreender o mundo. A lei de Hermes é supraconstitucional, e não pode ser conquistada nem com o pensamento, nem com a técnica. Nem com a velocidade deste tempo doente, nem com amores que tem mais medo do que vontade. Nem com nenhum professor que não saiba largar a mão de quem se propõe a educar, seja por usá-la como apoio contra sua insegurança, seja pela cegueira do seu falso poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os apontamentos feitos buscaram demonstrar a falência dos modelos autoritários da pedagogia tradicional. A partir das sabedorias do inconsciente,

demonstrou-se que um novo leque de possibilidades se abriram para a escuta do outro e para o processo de transformação que deve, sempre, ser mote da educação.

A sabedoria dionisíaca, ciente da ambivalência do ser humano, é de vital importância para que se estanque a overdose de racionalismo que ainda acompanha os modelos de ensino e aprendizado. Excesso de provas, tediosas aulas monológicas e dissociação da realidade, são apenas alguns dos cancos da educação que persiste por conta da engessada estrutura institucional. Além disso, a cobrança de uma eficiência quantitativa aos professores, notadamente por conta dos órgãos de pesquisa do Brasil, formam um quadro caótico em que o educador resta assoberbado por uma paranoica necessidade de produtividade. O resultado é que a energia do educador, sem tempo, é canalizada para o aumento quantitativo da produção de um conhecimento quase sempre estéril, deixando faltar força, energia e tempo para a criação de métodos criativos que possam inserir o educando na atividade pedagógica. A criatividade precisa de um ócio hoje impossível tanto para os educadores quanto para os educandos que, em geral, são trabalhadores que buscam títulos acadêmicos para que possam melhorar seus rendimentos. O deus do capital tem comprado até as almas de quem quer ensinar e aprender. É preciso respirar e ver um horizonte, para que não se compactue com o suicídio lento a que se assiste na educação brasileira, notadamente a superior.

Se pretendermos uma superação pedagógica, inevitavelmente deveremos negar qualquer espécie de conclusão tradicional. O engessamento da metodologia é também uma crítica à capacidade criativa. Aprender é trocar o ponto final por reticências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HESSE, Herman. **Sidarta**. São Paulo – Ed. Objetiva, 2010.

MAFESOLLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. São Paulo – Vozes, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WARAT, Luis Alberto. **Manifesto do Surrealismo Jurídico**. Disponível no blog do autor:

www.luisalbertowarat.blogspot.com Acesso em 22 de junho de 2013.